



Rosa azul
Entre a luz e as
trevas

Gleice Liria

Uma luta travada entre a vida e a morte, entre o amor e o ódio, entre a luz e as trevas, uma batalha que definirá em que lado você esta, mesmo que não queira fazer parte dessa guerra, você já esta nela, cabe a você descobrir sobreviver ou não.

Fique esperto, pois existirão momentos em que o diabo vos tentará; Devemos ser cuidadosos, a fim de que não sejamos surpreendidos pelas armadilhas do inimigo.

Ainda há esperança... O dia não se foi, mas se anoitecer, não fique triste; a alegria aparecerá nas estrelas...
Encontre suas asas ao lado daquele que pode fazer mais do que você imagina.

Rosa Azul 2

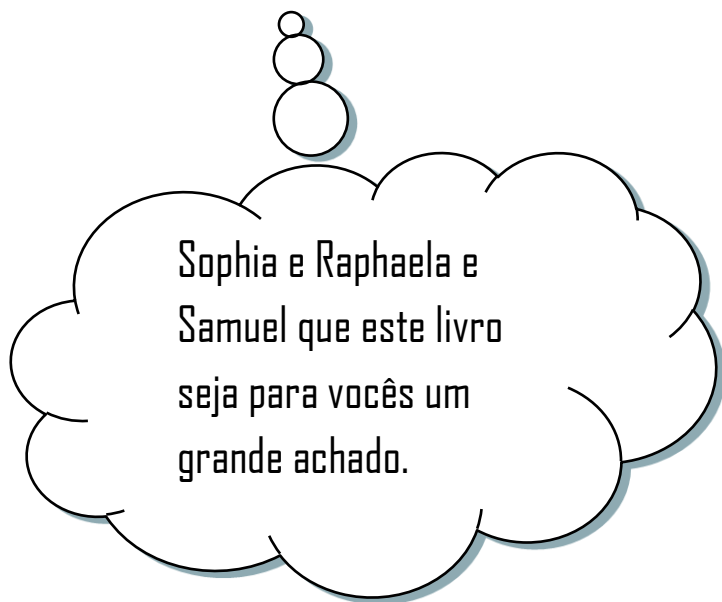
Entre a luz e as

trevas

Dedicatórias

Deus seja louvado por tudo; Essa obra é a certeza que amo a Deus... Dedico esse livro aos meus pais e minha querida e amada pequena grande irmã Sarah, que tanto amo, e minhas amiguinhas e amigos do fundo cristão que me ajudaram quando eu mais precisei... Ao meu bem que eu de conhecer...

Liria de Liria



Ao leitor

A graça e a paz de Deus pai eterno, e a do nosso Senhor Jesus, seja convosco. Agradeço a Deus por vós ter adquirido a este que vos escrevi e oro aos céus que lhe sirva de proveito o conteúdo que guardo nessas linhas, que durante a leitura vós possais refletir no amor de Deus e que depois de lê-lo, possais se achegar mais perto de Dele.

Grata

Gleice Liria

Quantas nuvens já passaram nesse céu, palavras que parece ter sabor de mel, sobraram. Os sussurros que ouvi de você, sentimentos que nem eu não sei dizer, chegaram. Quantos sonhos que eu vi passarem por nós, desafios que vencidos pela voz, passaram. Nessa vida que eu vi chegar para mim, parecem sonhos que terminam sem ter fim, ficaram.

... Em memória de Ester Liria

Seja humilde; a vaidade é o pior dos defeitos, porque enganamos nós mesmos. Por mais que seja sábio, há sempre alguém mais sábio do que você, por mais forte que seja, haverá alguém mais forte. Por tanto seja humilde; Envaidecer-se do que? A vaidade nos faz perder o sentido das proporções, fazendo-nos cair no ridículo, pois acabamos enganados, porém a esperança nos rejuvenesce.

Estimas principais

A denominação escrita no rosto deste livro foi adaptada ao decorrer das páginas do mesmo e necessita de uma explicação; Rosa azul entre a luz e as trevas foi escrito há quatro ou cinco anos atrás, e desde essa época fui reescrevendo de um caderno para outro até, digita-lo no meu computador.

Primeiro comecei escrevendo cartas. Expressando saudade e amor por alguém ainda não conhecido, por isso chamei de Cartas de Rosa azul.

Escolhe este titulo por notar que encontrar uma rosa azul por ai é bem difícil, o mesmo de encontrar um amor verdadeiro, com o tempo lendo todas as minhas cartas notei que se formava um pequeno romance e então passei a escrever não mais cartas, mas, o romance em si; com isso no improviso mudei o título para Rosa azul entre a luz e as trevas, pois o próprio livro me indicava isto. Pois ao mesmo tempo em que expressava felicidade, descrevia solidão; Rosa azul entre a luz e as trevas escrito com linguagem dos dias de hoje foi se formando ao decorrer do tempo; nas minhas horas vagas do meu trabalho de empregada doméstica, eu me assentava com meu caderno a escrever meu pequeno esboço que me atrevia em chama-lo romance;

LIRIA DE LIRIA.

Parte um Resgate Marcante



CARTAS

Então? Você sabe-me responder? Quem é você? Confuso, esquisito, engraçado, sério ou sistemático? Você se sentiria constrangido em me contar sua verdadeira história? Ou inventaria uma mirabolante? Tem pessoas que gostam de contar seu passado, como se fosse um troféu a ser exibido em uma vidraçaria de artigos de superação; mas nem todos venceram de verdade, só passaram de um pesadelo para uma noite mal dormida, e ficam felizes por isso.

E você? Você gosta de quem você é? Do que você faz, do que você vive? Eu gosto de mim, sou Rosa e toda azul, delicada, mas também tenho espinhos, sou Rosa Azul, e, como as outras... Um dia murcharei; Mas não tenho medo disso, esse é o nosso caminho. Amo cantar e expressar nas minhas cartas tudo que sinto. Sou feliz por isso? Sou; amo também meu esposo doutor, qual dedico parte do meu tempo para lhe ser companheira, ser seu amor. E não me envergonho disso; juntos, eu e meu amado vamos fazendo nosso mundinho, do nosso jeito, todo azul...

(...)

Segunda Carta

Seu nome é uma música suave que embala meu coração no mesmo ritmo do vento; uma pétala levada na imensidão do horizonte. Traçando no ar uma rota que ao longo do caminho deixa marcas de manias de sossego e de paz, trazidas nas suas asas protetoras, efeitos que seu nome produz, e ao terminar de pronuncia-lo sinto um alívio no meu ser. E no desespero mais profundo é o seu nome que me vem à mente; o único que lembro para chamar; que me salve das ciladas e arapucas que se formam nessa minha caminhada e que ao passar do tempo me sinto fazer parte da turma dos que venceram... Sei que me vela, sabe todos os meus defeitos e qualidades e se me esconde... Encontro me entre suas asas. Ao meu amado, o perfeito. Rosa azul

Capítulo um

O conselho favorável é a ação aplicada pelo outro

A Oração; “Querido Pai Eterno, peço lhe que traga de volta para seu lar minha amada criança, a Rosa Azul em teu filho Amado, o Príncipe da Paz” ... Amém!

Orava uma mãe pela madrugada em prantos...

... Estava nublado lá fora, dentro da casa tudo estava escuro; uma jovem chorava encolhida na esquina da parede da cozinha, o vento sobrava esvoaçando a cortina da cozinha que fazia um barulho estranho pela casa silenciosa, só soava o murmúrio mansinho da jovem que se angustiava com suas lembranças de um passado feliz. De longe ela ouviu os passos fortes de alguém que se aproximava da porta da sala.

— Tem alguém aí?

A jovem se levantou assustada e pensou em fugir dali, mas se manteve no mesmo lugar.

— Quem é você?

Gritou ela de onde estava;

— Vim a mando do Príncipe da Paz, tenho uma carta para Rosa Azul. Ela se aproximou da porta da sala e ligou o interruptor de luz, desfazendo as trevas e trazendo a luz ao ambiente, revelando assim o homem que tinha em suas mãos uma carta;

— O Príncipe da paz... Mas eu já não faço parte da aliança.

Rosa Azul entre a luz e as trevas

— Aqui está. A única coisa que eu sei é que foi ele quem escreveu pessoalmente.

Ela recebeu a carta incrédula no que via, e ficou mais incrédula ainda quando leu o que estava escrito;

Amada minha

Volte para mim, ainda estou te esperando Rosa azul!

Príncipe da Paz

Ao entregar a carta a jovem, o homem desapareceu diante dela que continuava olhando para a carta sem entender o porquê daquilo tudo, pois sabia que tinha magoado o remetente, mergulhando-se por completo no mundo das trevas. E então a si mesma deu o veredito; Era culpada e não merecia o amor do Príncipe Da Paz; por pensar assim acabou rasgando a carta que há pouco havia recebido daquele homem desconhecido, não querendo nem se lembrar daquele tempo de outrora para que as suas lembranças não a agonizassem mais ainda.

(...)

Capítulo dois

A MAIOR VIRTUDE DA VIDA É AMAR SE!

De repente no fundo da música...

O dia amanheceu tão lindo,



Rosa Azul entre a luz e as trevas

Não eh fácil não,
Mais forte o grito,
Aqui no coração.

O dia amanheceu tão lindo, Lá fora o vento sopra. Lá, lá, lá, oh, oh...
O dia amanheceu tão lindo, Lá fora o vento sopra, O sol quente Estar
e cada dia vai mais esquentar.

Ela pode ouvir a voz abafada de sua mãe que insistia na frase:

— Desse jeito não dá, todos os dias é a mesma coisa é? Ela se levantou da cama e aumentou o volume do som do seu rádio para não ouvir mais uma discussão dos pais, deu de ombro e se atirou de comprido na cama com um olhar triste e intenso, suspirou profundamente. Era difícil uma semana sem crise, Harold Moura seu pai era um empresário de sucesso, mas, quase não tinha tempo para a família. Sua mãe, Jaqueline Rosa Moura era uma socialite luxuosa que administrava o comitê feminista da cidade; A cidade Monte Negro, região turística, banhada com praias e dunas de areia perto da ilha vale da sombra da morte. Cidade estranha constantemente na sombra das tensas nuvens, onde o sol aparece sempre entre as nuvens. Raios do sol ultrapassam as nuvens fazendo os buracos nelas como uma peneira. Jaqueline Rosa era muito artificial e se destacava com a fama de ter uma família exemplar. Porém na verdade, seu casamento já estava virando fachada, com seu jeito possessivo e arrogante de ser, disfarçava aquela situação.

Isabela Moura sua única filha, era na verdade para ela uma bonequinha, que às vezes dava atenção até demais, outras vezes ignorava abertamente.

Jaqueline Rosa era exigente com Isabela; tinha que tirar a melhor nota no colégio, sempre com uma bela aparência e belos trajes. Sua bonequinha não podia falhar... Sábado de manhã devia ser o dia em família, mas acabou virando um dia comum, triste e solitário. Isabela

Rosa Azul entre a luz e as trevas

observava seu quarto que mais parecia uma loja de enfeites, procurando algo para fazer, pegou os cadernos escolares e revisou as matérias para ver se havia algo para ser feito, vendo que estava tudo em ordem, os guardou calmamente.

— É Tenho que encarar a vida, né? Pensou ela sorrindo como se falasse para os objetos ao seu redor.

Havendo organizado tudo no seu lugar, abriu a porta do quarto com receio. Ainda com aquele olhar triste passou pelo corredor que a levaria para as escadas que dava na sala central, sempre deslizando os dedos negros pelas paredes brancas da grande mansão. Passou pelo quarto dos pais e pode escutar seu pai dizendo:

— Vê se para de me controlar, eu não sou brinquedo, sou um homem de negócios. Hora! Si vou a essa reunião idiota! Ouvir mulheres reclamar dos seus maridos. Há me poupe Rosa!

— Harold... Eu... Eu já confirmei sua presença, o que as socialites vão dizer de mim? Que não sei viver em família...

— Não vou e pronto. Bem, pensam o que quiserem, e fim de conversa; já estou saindo para o escritório.

— Mas Harold...

— Já falei Rosa. Jaqueline Rosa. Ele abriu a porta do quarto e deu de cara com Isabela que estava parada diante da porta.

— Bom dia! Lindinha esta dando para ouvir por atrás da porta agora? Isso é feio hem!

— Desculpe papai, está indo ao escritório? Quando chegar o senhor me leva ao cinema? Vai passar (A casa do lago) hoje.

— Não dá querida, seu pai estar com uns investimentos novos e não sei quantas horas vou chegar, deixe para outra hora, nós compramos o filme e assistimos aqui em casa mesmo, tá Iza. Agora me deixe ir que estou com pressa. Com uma voz desanimada Isabela

Rosa Azul entre a luz e as trevas

despediu de seu pai, que com um beijo na testa a deixou, ela o acompanhou com o olhar tristonho.

— Minha bonequinha! Disse Jaqueline lá de dentro do quarto.

— Mãe a senhora tem agenda para hoje? Bom dia mãe!

— Vem aqui minha bonequinha, bom dia! É claro que sim.

— Bom... Pode me dizer?

— Vamos à reunião das socialites hoje, o tema é (Um bom marido é um homem bem amado). Mas infelizmente o seu pai não vai.

— Por que ele tem que ir?

— Meu amor, porque o tema esse.

— Quando terminar a reunião me leve ao cinema?

— Ver aquele filme (A casa do lago)?

— É.

— Bem ,depois agente ver se dá ,está bem? Agora desce e vá tomar seu café da manhã. Vai Iza, me deixe hidratar minha pele, meu rosto este meio pálido.

— A senhora não vai?

— Acordei mais cedo hoje, faz tempo que tomei meu café da manhã. Isabela saiu do quarto olhando para traz deixando sua mãe envolvida com os cremes faciais.

A manhã toda Isabela ficou na varanda do seu quarto olhando a rua movimentada. Ela tinha tudo que uma adolescente de quinze anos sonhava ter, mas para ela estava sempre faltando algo que ela não sabia o que era.

(...)

Capítulo três

O bem e o mal estão monitorando o alvo... O alvo é você!

Renato abriu a porta do carro e segurou à mochila que Isabela lhe entregara, com um olhar esmorecido, ela desceu do carro que estacionou de frente do seu colégio; mas uma segunda de estudo. Ela ia e vinha com seu motorista que sempre na hora certa estava ali esperando por ela. Isabela ficou esperando as meninas de torcida passar para depois seguir em direção da porta principal do colégio.

— Iza! Ei não está me vendo não?

— Oi Augusta, desculpe estava distraída.

— Então? O que fez no final de semana?

— Há, eu fui à reunião feminista com minha mãe, depois passei o resto do tempo vendo um vídeo de quando eu era criança.

— Sabe, fui para pesca com meus pais e meus primos, foi tão legal, meu primo Júlio é tão lindo, ele foi também, há... Mas não consegui pegar nenhum peixe, em compensação, passei os dois dias jogando charme para ele.

— Ele quem?

— O Júlio... Então você não foi ao cinema ver (A lagoa azul)?

— Que lagoa azul, era A casa do lago.

— Tanto faz, tudo tinha água mesmo.

— Ai meu Deus, mas como você é boba.

Isabela sorriu da confusão da amiga; As duas saíram em direção à sala de aula; Augusta Rodrigues não parava de falar, elas eram ótimas amigas, na verdade Isabela só tinha ela como única amiga, porém Augusta tinha muitas outras. Enquanto conversavam na cantina, Augusta comentando sobre seu super-primo Júlio César, Isabela observava os outros alunos do colégio; cada um tinha sua turma, namorado e coisa e tal, e parecia que só ela que não tinha

Rosa Azul entre a luz e as trevas

ninguém a não ser uma amiga que exaltava seu primo com tanta veemência que parecia adoração.

— Augusta quem são aqueles dois perto do balcão? Parece que nunca os vi antes.

— Ah! Aquela é a Suélen Dallas e aquele é, é... Ah aquele; eu não sei quem é não, mas vou passar saber agora.

A Suélen era uma garota baixa e gordinha, com jeito meio tímido de ser, que morava no subúrbio da cidade. Augusta se levantou graciosamente da mesa e se aproximou da outra mesa e com uma voz intrigada sussurrou no ouvido de Paulo Gusmão que comia meio distraído.

— Paulinho quem é aquele lá perto do balcão? Ele levantou o olhar em direção do balcão e ainda distraído...

— O Nicolás, amigo do irmão de Suélen, por quê?

— Nada não, obrigado!

— Eu hem!

Augusta voltou rapidamente para sua mesa onde Isabela a esperava atenta a conversa que teve com Paulo, só que eles falaram tão baixo que ela não entendeu nada. Augusta se assentou calada olhando interessada para Nicolás que conversava com Suélen; Em meio a um pensamento arrebatador Augusta ficou imaginando qual dos dois seria mais bonito, seu adorável primo Júlio ou Nicolás, mas por fim concluiu seu primo era sempre encantador aos seus olhos.

— Augusta, o que houve? Parece que saiu da terra.

— Nada não. Há o nome dele é Nicolás, é um amigo do irmão da gordinha, nossa como ele é lindo.

As duas ficaram olhando para ele em silêncio, novamente Augusta voltou a falar sobre os seus últimos feitos do seu final de semana, sempre destacando seu adorável primo Júlio.

No final do dia Isabela estava guardando seus materiais escolares no

Rosa Azul entre a luz e as trevas

seu armário, só em pensar que em poucos minutos estaria em sua casa, aquele desânimo anterior voltou à tona.

Era uma angústia visível, não tinha nem como disfarçar. Com aquele sentimento o qual ela havia mergulhado, se encostou à parede ao lado do armário meio fora de si, no mundo dos seus pensamentos enquanto os outros iam embora para suas casas. Augusta passou por ela e deu um toque no seu ombro, com um sorriso se despediu. ...

Que raiva! Vou ter que voltar para aquela cela. Pensou ela com um olhar furioso. ... Por que eles não são normais como os outros pais? Insistia ela no seu pensamento o qual se referia aos seus pais. Depois daquela pausa pensativa, apressou os seus passos para fora do colégio em direção ao local onde Renato acostumava estacionar o carro. E pela primeira vez ele se atrasou, Isabela ficou esperando parada no meio fio da rua, olhando a rua se esvaziar lentamente. Suas pernas começaram a doer de tanto ficar de pé, mal-humorada ela se agachou e de repente estava sozinha.

— Será o que aconteceu?

Disse ela consigo mesma, e como um trailer passou sobre sua mente todas as coisas que lhe atormentava; As discussões de seus pais, o seu vazio na alma que nada preenchia e seu jeito tímido que a fazia se afastar das pessoas, o desprezo com que seus pais a tratavam e suas cobranças rigorosas. Porque não conseguia ser como as outras garotas da sua idade, que se apaixonava facilmente e aquilo era para elas uma grande façanha. Em meio a um suspiro e uma lágrima que brotou no canto dos seus olhos, gemeu profundamente tentando não pensar mais, foi o barulho de livros caindo ao chão que a tirou do seu infortúnio, calmamente levantou o olhar para frente; lá estava o Nicolás que carregava uma caixa, e por cima dela estavam três livros que escorregou ao chão. Ainda

Rosa Azul entre a luz e as trevas

com a caixa nas mãos, ele fitou seus olhos azuis em Isabela Moura que o observava disfarçadamente.

— Ei! Você pode me ajudar aqui, por favor?

Ela se prontificou de imediato e em silêncio se ajoelhou para apanhar os livros que caíram, os três livros destacavam em letras grandes de cor de ouro os títulos; MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA.

— São bastantes pesados? Você se chama...

— Nicolás Celest, e você é a Isabela Moura, estou certo?

— Sim, pelo que vejo está bem informado. Ela sorria enquanto colocava os livros por cima da caixa a qual ele segurava.

— Seu motorista te esqueceu? Por que não vai andando?

— Prefiro esperar.

— É, tenho que ir; Obrigado pela ajuda!

— Por nada. Seus olhares se encontraram de repente, ela sentiu seu coração acelerar. Ele se afastou devagar equilibrando os livros sobre a caixa, ela o acompanhou com o olhar e um sorriso mudou seu semblante.

— É Augusta tem razão... Disse ela consigo mesma olhando em direção onde ele curvou a rua e completando a frase:

—... É ele é lindo mesmo. Depois de alguns minutos ela avistou o carro de sua casa vindo de longe e logo ela o reconheceu, pegou a mochila que deixara no chão quando ela foi ajudar Nicolás com os livros e ficou esperando. Já fazia mais de quarenta minutos que ela estava ali, Renato estacionou o carro e ela entrou, e lhe explicou o atraso, mas ela não importou, pois naquele dia havia conhecido o Nicolás que sem saber o porquê seu coração batia mais feliz. Sua tarde foi como as demais; ficou em casa com seus estudos e uma mesma música que se repetia suavemente;

* “Se não for amor, o céu não tem sentido, o mar não tem mais



Rosa Azul entre a luz e as trevas
brilho, o sol não tem calor”.

Fazendo vim em sua lembrança à cena do encontro de seus olhos nos olhos de Nícolas; aquela cena não saía de sua memória, seus olhos faiscavam cintilantes e às vezes ela sorria para as paredes como se estivesse sonhando acordada. Mais tarde o que estava previsto aconteceu, os pais de Isabela; Harold Moura e Jaqueline Rosa Moura decidiram por divórcio. Para Isabela isso não era novidade, pois já estava acostumada de presenciar as diversas discussões deles e então com este fim, não era para menos. Mas agora, como nunca, se sentia completamente angustiada; Jaqueline Rosa ficou com a mansão e com a guarda de sua bonequinha Isabela, e com essa separação quem havia de manter as despesas do lar era ela, com isso teria que trabalhar, como tinha parte na empresa de Harold seu ex-marido logo arrumou um cargo por lá. Assim não parava na mansão deixando sua bonequinha completamente sozinha. Certo dia entediante Isabela circulava pela mansão e acabou ouvindo a conversa do seu motorista com uma das empregadas sobre a biblioteca fazendo-a se interessar sobre o assunto... Com o tempo Isabela passou a sair às tardes para ir à biblioteca municipal, e isso agora se tornou rotina e ela acabou pegando gosto pelos livros e fazendo novos conhecidos e amigos.

*As horas passam modificando tudo, deixando rastro pelo caminho, mas nem tudo são rosa azul.

(...)

Capítulo quatro

SUPERE SEU MEDO, ENFRENTA A AMEAÇA!

Na Biblioteca municipal...

— Quer dizer que você sonha ser cantora.

— É meu maior sonho, todas as vezes que ouço uma música tocando ao vivo, imagino que sou eu que estou cantando, fico num delírio só.

— Porque então que você não fala com seu pai, ele deve te ajudar, sendo ele rico; esse deve ser o certo.

— O certo? Você diz isso por que não conhece meu pai, Doutor Harold Moura só pensa nele mesmo.

— Você não dá bem com ele?

— Bem, eu acho que ele que não dá bem comigo.

— Ai meu Deus, acho que esse assunto não te faz bem, não é?

— Nada moça o que eu posso fazer? Ele... Sei lá, vamos deixar isso quieto né!

— Mudando de assunto; você tem namorado?

— Não. E você?

— Por enquanto estou sozinha, mas já tive muitos, por agora estou de férias.

— É. Eu ainda nunca namorei.

— Por quê?

- Sei lá, nunca gostei de ninguém.
- Sabe por que te fiz essa pergunta?
- Não faço a mínima ideia.
- Sabe, conheço um rapaz que está louco por você, e me pediu para falar com você que ele quer te conhecer.

Isabela se ajeitou na cadeira para chegar mais perto da Carla Boner que falava cochichando, pois a biblioteca estava cheia de leitores e era proibido barulho.

- E então, não vai me dizer quem é ele?
- O nome dele é Victor Lunnor.

Carla falava apontando com a cabeça a outra mesa onde estavam cinco rapazes lendo com tanta atenção que parecia estarem hipnotizados pelos livros.

- Qual deles?
- O loiro.
- Ele? Tem certeza?
- Mais é claro! Vou sair e chama-lo, posso?
- Agora?! Aqui?! Não, me deixe sair lá fora.

Isabela ficou toda apreensiva e ansiosa.

- Então fique lá fora que vou falar com ele que você está o esperando.

Carla dizia sorrindo com se fizesse algo de errado, Isabela deixou o livro que estava lendo sobre a mesa e se levantou estralando os dedos das mãos e saiu olhando para os lados com um pouco de receio.

E enquanto esperava na frente da biblioteca Isabela questionava em seu pensamento:

Rosa Azul entre a luz e as trevas

— Será que ele é uma boa pessoa? E se chegarmos a namorar, será que vai dá certo?

De repente Nicolás surgiu entre meio as pessoas que passavam na calçada da rua com ar de preocupação.

— Olá Isabela! O que faz por aqui?

— Nicolás! Tudo bem?

— Tudo bem, estar fazendo o que aqui?

— É... Eu estava muito tempo na biblioteca e resolvi vim tomar um ar.

— Por que, lá dentro não tem ar?

— É...

— Tudo bem, que tal comermos um lanche ali na frente, vamos.

E antes dela responder que sim, ele a tomou pelo braço e saíram andando; Isabela supressa com aquela atitude e como de repente ela se via importante, naquela empolgação deixou-se ser levada. Chegaram à lanchonete como se já fossem grandes amigos, naquele momento ela sentia especial, em uma conversa verdadeira e amigável, onde o humor e a seriedade se fundiam em uma perfeita harmonia... Parecia que o tempo parou para ouvir os dois, e em seu coração havia uma paz que ela nunca havia provado. Envolvida na conversa, Isabela quase perdeu a hora de ir embora, se não fosse ele para alerta-la. Nicolás se colocou á sua disposição para o que ela precisasse e com um beijo em suas mãos ele a mandou ir; Isabela não sabia explicar, mas parecia que os dois já se conheciam há muito tempo e com uma vontade de ficar ali junto dele, ela se foi olhando para traz com a certeza de ter feito uma grande amizade. E quando já estava perto da mansão foi que ela se lembrou da pessoa que queria lhe conhecer e saiu correndo para dentro de casa em direção do seu quarto com a intenção de ligar para Carla.

— Nossa! Esqueci-me de falar com o rapaz, Carla vai me matar.

Rosa Azul entre a luz e as trevas

E mal entrou no quarto apanhou o telefone e digitou o numero de Carla que estava ocupado.

— Augusta vai ficar boba com lhe contar o que aconteceu hoje. Jaqueline Rosa estava parada na porta com a cabeça para dentro do quarto olhando Isabela falando sozinha e ela nem percebeu que estava sendo observada e depois de alguns segundos...

— Esta dando para falar sozinha bonequinha?

— É... Estava pensando alto, mamãe nem vi a senhora ai.

— Hoje vamos ter visita para o jantar, vim escolher sua roupa.

— Deixe que eu me arrume sozinha, não sou mais criança.

— Está bem, só que pensei que...

— Não quer nem saber o que eu estava falando?

— Bobagem, não é mesmo? Não quer saber quem é a visita?

— Também não.

— Bom, então fale o que era o que estava falando.

— Não quero mais.

— Então não fique com essa cara.

— Que cara?

— Essa cara que comeu e não gostou.

— Rá.

— Sua mãe está namorando!

— Que?!

— Porque o espanto? Parece que viu um bicho de sete cabeças.

— Namorando?! E... Mas e o Papai?

— Seu Pai? Sei lá... Por quê?

— A Senhora vai trair meu Pai?

Isabela se encostou à parede do quarto, desolada suspirou fundo.

— Trair Isabela? Não tenho mais nenhum compromisso com seu Pai.

— Mas...

— E, além disso, não estou te pedindo permissão, só estou avisando,

Rosa Azul entre a luz e as trevas

só para você ficar ciente; Arrume-se e desça está bem?

— Ha... Está bem, fazer o que.

Uma solidão desumana veio como um vento frio ao seu encontro fazendo seu corpo arrepiar por inteiro, abraçando se própria ela sentou em sua cama de cabeça baixa, sentindo novamente aquela angustia costumeira como se apertasse seu coração. E a vida continuava, mesmo com tantos descaminhos, Isabela como sempre era a bonequinha de sua Mãe, só que agora já estava abrindo como leque as suas opiniões, tudo às claras...

(...)

Capítulo cinco

SE QUALQUER COISA IMPORTA, ENTÃO TUDO IMPORTA!

Só no meio do recreio que Isabela pode falar com Augusta sobre suas novidades, depois sua amiga não parava de falar as dela e por fim ela concluiu em uma gargalhada de satisfação:

— Como o Júlio Cezar é lindo!

— Cá para mim, você está apaixonada.

— Apaixonada ao extremo.

— Que bom!

— E você, o que me conta de novo?

— Todo o dia vou á biblioteca municipal...

— Que legal! E...

— Conheci muita gente; O Ricardo, gordo, alto, muito engraçado. A

Rosa Azul entre a luz e as trevas

Manuela, tímida, culta, ligada em esquimó e a Carla que curte rock metal ela é muito doida, você precisa ver, ela tem os cabelos coloridos de preto e vermelho, gosto muito dela.

— Que gente hein!

— Ah! A Carla ia me apresentar a um moço lindo; loiro, alto de olhos verdes, corpulento, que homem viu!

— E ia? Não vai mais?

— É, sei não, acabei dando um bolo nele.

— Nossa! Já está assim?

Augusta sorria com um ar de malícia, Isabela acabou por contar a história toda e no fim se sentiu satisfeita.

— Meu Deus! Quem diria! Você e o Nicolás, e ai quem é o melhor?

— Ainda não sei, só sei que o Nicolás me faz sentir uma coisa muito maravilhosa, que não sei explicar.

— Vem me dizer que você já está apaixonada por ele?

— Não é isso não bobinha, sei lá, isso é da alma entende?

— Da alma? Do que você estar falando, que ele é a sua alma gêmea? Deixa disso, Iza não existe essa coisa de alma gêmea não.

— Não é isso não Gusta, deixa pra lá, você não entende e nem eu sei explicar, estamos empatadas.

Daquela conversa surgiu no coração de Isabela uma ansiedade para conhecer o Victor Lunnor. À tarde em sua casa Isabela não via a hora que sua mãe saísse para que em seguida ela pudesse ir á biblioteca, Jaqueline Rosa nem desconfiava da rotina da filha que mal via na hora do almoço. Ali Isabela se sentia sufocada como uma borboleta presa no casulo, louca para voar e conhecer as experiências da vida; Quando ela chegou à biblioteca quase não tinha ninguém, um pouco decepcionada começou a ler um livro sem importar com o que estava lendo, mas com a ajuda do livro acabou tranquilizado. O título do livro era:

* As cartas da pequena Rosa Azul...

Do seio da profundidade selva onde com solene canto a águia atenta ao alto da montanha recita seu drama matutino. É nesse momento as nuvens são suas testemunhas que como querubins se deslocam dos seus tabernáculos dos céus e ao mundo desce só para ouvi-la. E ela coberta de espiritualidade proclama naquele lindo alvorecer; estou pensando de ir para lá também para saber o final do drama, pois eles não me contaram a conclusão. Agora como aquela águia que no principio do seu solene canto, dizia;

Enquanto ela lia aquele poema, em sua mente refluía à imagem do rosto de Nicolás á beijar suas mãos...

Ah! Ne laissez pas, ne laissez pas beaucoup de lumière rêve devient rien. Parce que mon amour était aveugle pleinement, cette; complet de la joie aux soupirs qui chante la nuit... Qui chante la nuit!

Mas eu não sabia francês, porém mais tarde alguém me disse em segredo a tradução; Ah! Não deixe, não deixe que o monte de sonho de luz se torne em nada. (Pois, meu amor era cego; totalmente, esta cheio de alegria de cantar os suspiros da noite, que canta á noite).

Isabela suspirou fundo repetiu a ultima a frase;

— Que se chante La nuit! Que lindo vou comprar um desse.

De repente ela viu a Carla entrando pela porta dos fundos da biblioteca e a olhando chegar virou o livro para saber o que estava lendo.

— AS CARTAS DA PEQUENA ROSA AZUL.

Carla foi se aproximando a encarando com a expressão fechada.

— Oi Iza, porque fugiu hein? Se não queria conhecer o Victor era só ter falado.

— Oi Carla, desculpe, eu não fugi não. É que naquela hora um amigo